

O CANTO DAS SEREIAS: O PROCESSO DE MANIPULAR AS MASSAS ATRAVÉS DA DRAMATIZAÇÃO TELEVISIVA DA CRISE POLÍTICA BRASILEIRA DE 2016

Carlos Eduardo Silva¹

Resumo: Este artigo dedica-se a uma reflexão política, psicanalítica, sociológica e teatral dos aspectos que culminaram com o golpe de estado no Brasil em 2016. Realizo uma análise sobre o processo de indução das massas através de práticas de comunicação, sobretudo as televisivas, baseadas na produção de dramatizações das investigações policiais e embates políticos recentes, com fins a manipular a angústia popular, ocultar o fracasso do mito *brasilis*, e estimular o desejo comum em torno dos direcionamentos que a mídia propuser na legitimação de novas verdades. Para tanto, emprego as noções de sujeito, angústia e desejo de Freud e, especialmente, Lacan; recorro à Dubatti para compreender o fenômeno da transteatralização e espetacularização; e a Martín-Barbero para pensar o papel da mídia e seus dispositivos de enunciação enviesados por encenações tendenciosas que pretendem influenciar as multidões.

Palavras-chave: Angústia. Desejo. Transteatralização. Espetáculo. Mídias.

THE CANTO DAS SEREIAS: THE PROCESS OF MANIPULATING MASSES THROUGH THE TELE-VISIVA DRAMATIZATION OF THE BRAZILIAN POLITICAL CRISIS OF 2016

Abstract: This article is dedicated to a political, psychoanalytic, sociological and theatrical reflection of some aspects that led to the coup in Brazil in 2016.

¹ Doutorando em Literatura pelo PPGLIT/UFSC

I conduct an analysis of the process of the masses induction through communication practices, in particular the television, based on drama production of police investigations and recent political clashes, with the purpose to manipulate the popular anguish, hide the failure of “brasilis” myth, and encourage common desire around directions that the media propose in order to legitimate new truths. To do so, use notions of anguish and desire from Freud and especially Lacan; turn to Dubatti to understand the phenomenon of transteatralization and spectacle; and Martin-Barbero to think the role of the media and their enunciation devices biased by tendentious scenarios trying to influence the crowds.

Keywords: Anxiety. Desire. Transteatralization. Spectacle. Media.

Introdução

Primeiramente, fora Temer!

Em segundo lugar, este artigo pensa, brinca com o próprio formato, jogando com o formato ensaístico, jornalístico e acadêmico, para expor uma temática, ainda que variada, relacionada ao cenário atual brasileiro. Inicialmente, a constituição do macrossocial a partir do microcosmo individual, começando da concepção do sujeito para atingir a noção de massa. Não de forma unidirecional, mas considerando a permanente dialética entre esses dois aspectos: o coletivo e o singular. Para isso, busco em Lacan o entendimento de conceitos chaves no processo de subjetivação do indivíduo para, em seguida, dialogar com a ideia de massa por Martín-Barbero.

Posteriormente, observo a promoção da angústia coletiva baseada na fragilidade e desconstrução de mitos e imagens criadas para dar-lhes sentido, unidade e identidade,

provocando assim, um desnorreamento dos indivíduos. Além disso, trato da articulação entre práticas manipulatórias, particularmente facilitadas por narrativas contemporâneas e de dramatizações (ou novelizações) de fatos relevantes do cotidiano, construídas pelas mídias, notadamente pela televisão, para induzir o desejo enquanto unidade básica de força construtora/destrutora do agrupamento social.

Por fim, analiso como ferramentas e conceitos destinados a operar a potencialização desses mecanismos indutores são cooptadas do teatro. Além disso, encerro com uma reflexão sobre o que pode o teatro frente ao poder midiático que investe adotando suas práticas para ficcionalizar contextos reais produzindo novas realidades.

Constituindo e massificando o sujeito do desejo pela imagem

Eu quero, a bem da verdade
A felicidade em sua extensão.
Encontrar o gênio em sua fonte
e atravessar a ponte
dessa doce ilusão
(Quero, quero, quero sim)
Quero que meu amanhã, meu amanhã
seja um hoje bem melhor, bem melhor
Uma juventude sã
com ar puro ao redor
Quero nosso povo bem nutrido
o país desenvolvido
quero paz e moradia
Chega de ganhar tão pouco
Chega de sufoco e de covardia [...]²

² *Eu quero*, de Aluisio Machado, Luiz Carlos do Cavaco e Jorge Nóbrega (1986).

O processo de subjetivação do indivíduo, segundo Lacan (2005), principia antes do sujeito com um ser vivo, um corpo, sem fala, um *bios*, que inserido na malha social da linguagem torna-se um *bios politikos*. Para o francês, o sujeito surge como uma instância dividida entre a imagem advinda do significante materno e a busca da significância que explica, delimita, define e ensina sobre tal imagem, isto é, a sabedoria do pai. O significante pai e mãe não representam gênero definido nem se limitam às personalidades genéticas do indivíduo.

O significante materno é a fonte das imagens, a fonte de todos os semblantes com os quais nos identificamos e por meio do qual nos transformamos em seres sociais: logo, eu sou justamente a imagem que a mim é atribuída. Daí a importância de se perceber a mídia contemporânea ocupando em parte, mas não apenas, o papel do significante materno no sentido de atribuir aos indivíduos que compõem sua audiência as imagens que devem perseguir.

Por outro lado, o significante pai dá um limite a imagem que o sujeito herdou e procura ser/compor, isto é, limitar no sentido de definir, explicar, colocar no campo do discurso. Portanto, a imagem está no campo do sentido, do inexplicável, do pré-verbal. A partir do momento que há limites o ser vivo se organiza. O sujeito do desejo deseja a o limite, a lei, isto é, uma espécie de imagem que se explique por um discurso e vice-versa. A isso Jacques Alain Miller chamou de imaginarização da lei que, de certo modo, está a serviço da desconstrução das imagens enquanto abstrações para construções teóricas.

Assim, a imagem da lei esvazia as imagens que pesam sobre nós, pois quando recebemos ou herdamos uma imagem isso se nos pesa, persegui-la aflige-nos. Logo, um sujeito não busca qualquer significante, mas aquele que corresponderia a imagem da lei, da regra, que o estabilizaria e aliviaria

o peso da imagem. Ainda para Lacan (2005), quando o sujeito enquadra uma imagem no discurso, acha a lei que a define, ele goza, e o desejo cessa.

Em vista disso, gozar é dispendar, desperdiçar, desconstruir o falo (no sentido daquilo que nos falta e que desejamos); gozar significa fracassar, pois não há saída para o desejo. O significante materno dá uma imagem que não se consegue corresponder, conseqüentemente fracassam a cadeia simbólica, de imagens, e dos significantes fálicos. Quando uma imagem imposta a um sujeito sempre está em função de uma coisa que falta a quem impôs. Razão pela qual Lacan vai dizer que o sujeito sempre está em função de uma demanda. O sujeito que está dividido está sempre lidando com a imagem que o outro lhe deu e espera dele, um outro que, por seu turno, está em falta.

Os veículos midiáticos atuam ora em substituição ao consciente materno, visando a todo custo um estímulo contínuo do desejo, através da produção ininterrupta e sucessiva de imagens a serem perseguidas; ora em substituição ao consciente paterno, fálico, explicando e determinando o discurso válido e lógico que explicaria a imagem por eles mesmo criadas. Tudo isso ocorrendo de maneira transparente e “indolor” em horário nobre, e plebeu, em jornais, revistas, rádios, internet, TV e cinema, a serviço de quem? De quem melhor pagar.

Porquanto, nós não queremos apenas imagens, queremos leis, como falos que preencham nossos buracos, nossa falta. Contudo, o falo também é falso, inexistente, a fantasia de poder que supostamente preencheria a falta do outro. Não há escapatória, gozar é o fracasso da articulação do desejo em função da demanda de satisfação alheia, aliás é impossível satisfazer o outro, ele também é uma fraude. As mídias jogam permanentemente com o desejo, a frustração e o gozo, estimulados por elas mesmas, mais ou menos anco-

radas na realidade, quando não, artificializando o cotidiano. É nesse jogo que articula a zona entre o real e o ficcional que se enquadram as manipulações populares.

Na confluência das individualidades estimuladas pela televisão, e as demais mídia, se conforma a noção moderna de massas. Martín-Barbero formula a seguinte definição de massa:

[...] é um fenômeno psicológico pelo qual os indivíduos, por mais diferente que seja o seu modo de vida, suas ocupações e o seu caráter, estão dotados de uma alma coletiva que lhes faz comportar-se de maneira completamente diferente de como se comportaria cada indivíduo isoladamente. Alma cuja formação é possível só no descenso, na *regressão até um estado primitivo*, no qual as inibições morais desaparecem e a afetividade e o instinto passam a dominar, pondo a “massa psicológica” à mercê da sugestão e do contágio (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 56-7).

Para o intelectual espanhol, uma característica marcante desse fenômeno chamado massa é o despojamento crítico das partes. Tal como pode ser percebido e muitas manifestações recentes, promovidas pela direita, em especial, pelo Movimento Brasil Livre e, amplamente difundidas pela mídia dominante, especialmente as vinculadas às Organizações Globo, quando mensagens misóginas, xenófobas, homofóbicas, etc. prosperaram em cartazes e bandeiras. A unidade da massa, ou a massificação, é garantida por ação midiática em torno da produção de uma imagem única para o coletivo estabelecer sua crença, e os líderes despontam na função de defenderem e representarem o ideário comum, conforme explicado a seguir:

O psicólogo [Gustave Le Bon] se propõe então o estudo do modo como se produz a sugestionalidade da massa para assim poder operar

sobre ela. A chave se encontraria na constituição das *crenças* que, em sua configuração “religiosa”, permitem detectar os dois dispositivos de seu funcionamento: o mito que as une e o *líder* que celebra o mito (MARTÍN-BARBERO, 2013, p. 57).

Essa afirmação do professor Barbero nos deixa uma questão: quem são os reais líderes e interessados na mobilização das massas? Os indivíduos que despontam como seus organizadores e “chefes” ou agentes poderosos que nem chegam a aparecer publicamente? Quais imagens a mídia deseja que persigamos? De todo modo, interessa a mídia e aos seus financiadores a anulação da diversidade, das riquezas individuais e comunitárias para facilitar a associação em massas e operar sua manipulação.

Em suma, o sujeito é o resultante de uma interdição de um atravessamento da imagem, da alienação do ser vivo ao outro, e de uma função que lhe é atribuída: ser fálico. Assim, o sujeito contemporâneo tem sido alienado pela mídia, pela Televisão, que nos atribui uma função apropriada para o sistema a que tais meios servem. A desconstrução dessa imagem liberta o sujeito dessa alienação. As pessoas estão lidando com outra coisa além das imagens: serem obrigados a oferecer o falo ao outro e, se sofriam com o peso das imagens, agora sofre com o peso de terem de satisfazer o outro, ser o falo do que falta ao outro.

Desconstrução do mito *brasilis*, ou a frustração e angústia do sujeito

Eu hoje só quero saber
de esfriar minha cabeça
cantar, sorrir, pular
E esquecer minha tristeza (oh Morfeu)
[...]
No país da bola

Só deita e rola
No país da bola
Quem vem com dólar...³

Corria o oitavo dia do mês de julho do ano da graça de nosso senhor Jesus Cristo de dois mil e quatorze, quando, às 17 horas, a nação tupiniquim reunia-se para mais um ato do maior evento mundial daquele ano. Todos estavam atentos diante da única invenção pela qual não perdoamos Santos Dumont de não ter feito: a televisão. E para que? Para saber qual seria a dose de ópio adequada para manter viva entre nós a ideia do mito *brasilis*, elemento primordial na formação de nossa identidade pátria, mito este de que somos o país do futuro, do futebol, de um povo cordial, pacífico, tolerante e hospitaleiro.

As crianças estavam ansiosas, porém felizes, na expectativa do melhor resultado. Jovens e adultos apareciam de rostos pintados como guerreiros em dia de festa, onde todos os obeliscos fálicos serviam de mastro para as femininas bandeiras. Ao redor da TV todos estavam unidos numa identificação coletiva com as expressões de orgulho e alegria daqueles presentes no local do evento. Ninguém estava a trabalhar — exceto os comerciantes de bebidas nas aglomerações populares —, os expedientes foram suspensos, as ruas ficaram desertas, as escolas vazias, os bares cheios, as cervejas geladas, os hospitais serenos, as famílias histéricas, os centros de atendimento às emergências cotidianas tranquilos... se Camus disse “chamo verdade a tudo o que continua” (RODRIGUES, 2010, p. 279), então a própria vida é uma mentira, porque naquele momento, tudo foi uma grande pausa, um intervalo por 90 eternos minutos.

Sim, estávamos em tempos de copa do mundo, a “pátria de chuteiras”, ainda que as meias estivessem furadas, as

³ *Morfeu no Carnaval, a Utopia Brasileira*, de Ary do Cavaco, Carlito Cavalcante, Vanderlei, Nilson Melodia e Paulinho (1986).

obras maquiadas e se tivesse passado a mão em tudo — menos na bola, afinal é futebol, e mãos na bola é dado apenas ao goleiro desde que dentro da área. Mesmo assim, a expectativa era de que os vários estádios hiper-ultra-mega-superfaturados, as inúmeras obras inacabadas que sepultam o desperdício de recursos públicos, as vexaminosas concessões fiscais feitas para ampliar os lucros da instituição organizadora, e todo o incomensurável montante financeiro despejado em propagandas, propinas e inutilidades fossem esquecidos e jogados para debaixo do tapete, no caso, um tapete verde.

A sociedade brasileira nunca quis reconhecer suas dificuldades e, por isso, buscou meios de autoalienação. Para que falar de problemas em educação, saúde, segurança? Nem dos alarmantes números da estatística conhecida dos casos de violência contra a mulher, contra a comunidade LGBT ou contra as classes economicamente sensíveis. Não interessa que seja mais seguro para uma travesti ou transexual viver no Irã do que aqui, o país onde mais ocorre homicídio contra essas minorias no mundo, segundo a *Transgender Europe* (Agência Brasil, 2015). Nem que o total de feminicídio registrado pelo Ministério da Saúde em 2013 é de 4.762 (WAISELFSZ, 2015, p. 11), quase um homicídio de mulheres a cada duas horas, sem contar outros tipos de violência de gênero.

Não importa que o salário inicial de um professor de ensino básico ou médio seja aproximadamente 23 vezes menor que o de um juiz nas mesmas condições (Época online, 2015), mas essa diferença cai consideravelmente se considerarmos apenas o auxílio moradia dos magistrados que é apenas pouco mais do dobro do total de rendimentos dos docentes. Que as filhas de militares recebam pensões vitalícias, desde que não se casem — e, inexplicavelmente, elas jamais se casam. Que o custo com todos os parlamentares (senadores, deputados federais, estaduais e vereadores) num ano seja equivalente ao total de salários mínimos pagos a cerca

de dezesseis milhões de brasileiros (Veja online, 2014) no mesmo período.

O que importa é que somos os pentacampeões mundiais, temidos e respeitados pelos quatro cantos do mundo redondo, rumando ao certo hexacampeonato em casa. Parecia um preço alto a se pagar, quiçá algumas dezenas de bilhões de dólares em obras concluídas até então, outros tantos por aquelas que jamais seriam terminadas mais o custo das manutenções *ad aeternum*, mas pagaríamos de bom grado. Se a Alemanha demorou séculos, filósofos, escritores, artistas e guerras para tornar-se a nação que é, nós precisamos apenas 1958, 62, 70, 94 e 2002 para conquistarmos a alcunha de glorioso país do futebol.

Aqui podemos resolver qualquer contradição na bala, na bíblia ou na bola. Afinal, conforme Nelson Rodrigues, “consciência social de brasileiro é medo da polícia”, ou a noção de luta de classes Verde-Amarela, para uma parcela significativa da população e desespero de Marx, se dá no onze contra onze dentro das quatro linhas da cancha... aliás, o jogo “Brasil contra Alemanha” estava por começar, silêncio foi feito! Pois, já tínhamos ganhado antes de começar, pelo menos é o que disseram os patrocinadores da nossa alienação, um oferecimento das organizações “plim-plim”.

Iniciada a partida. Não seria uma vitória fácil, os times estavam se estudando com cautela e, aos 11 minutos, gol da Alemanha. Dentro de campo foi o primeiro contra o Brasil, mas até aquele momento já tínhamos tomado uma goleada histórica: pelo aniquilamento dos povos originários, pela escravidão dos povos africanos e afrodescendentes, pela miséria, pela exploração da mão de obra infantil e das classes marginais, pela privatária “tucana”, etc. Mas só conta o que ocorre no tempo regulamentar, então ainda dava tempo de reverter o quadro, reanimar o *sketch*, empatar e buscar a classificação, novo gol da Alemanha aos 23 minutos. Estáva-

mos no primeiro tempo, 24' somente, seria possível revert... uai, é gol da Alemanha. Bem, era hora de colocar o time em ordem, buscar a calma e organiz... misericórdia, novo gol da Alemanha aos 26'. Quatro a zero é uma humilha... mas será o Benedito? Aquilo era gol ou *replay*? Sim, outro gol da Alemanha aos 29'.

Ainda faltava o segundo tempo e a seleção jogava como se houvesse espaço para mais cinco gols na contabilidade. A nação queria cortar a luz do Mineirão, chamar os pracinhas da FEB (Força Expedicionária Brasileira) para enfrentar de novo os alemães, roubar a taça, invadir o campo, esconder-se de vergonha num bunker, pedir cidadania blumenauense ou eleger o badminton como novo esporte nacional. Em suma, queríamos acordar daquele pesadelo horrível chamado realidade. Passaram-se mais 45 minutos, o juiz apontou o centro do campo e o jogo terminou, mas, por doloroso que seja, ainda não acabou. Até aquele momento, restava o histórico e humilhante placar de 7 a 1. Não havia como explicar aquele desastre por nenhuma teoria da conspiração, venda do resultado, enfim nada.

O fato principal é que, de um lance apenas, nesta década já deixamos de ser o país do futebol e voltamos a ser o vira-lata dentre as nações econômicas, esportiva e culturalmente. Até mesmo Carmen Miranda, morta a mais de 60 anos, precisou ser ressuscitada para lembrar o mundo quem somos na cerimônia de encerramento dos jogos olímpicos de verão, no Rio de Janeiro, em 2016. Por sorte, a profusão de araras não nos fez sentir falta do Zé Carioca. Todos eles, ícones da década de 30, 40. Contudo, perdemos forçosamente nossa referência e o ópio do povo dessa vez foi numa dose tão cavalhar, e nunca antes experimentada, que nos deixou adormecidos.

O que fazer agora que a ficção nos abandonou? Como reagir quando somos jogados com impacto cruel na realida-

de? Talvez a sensação tenha sido muito parecida com a de ser acordado no meio de um episódio de sonambulismo, ou seja, um total desnorreamento. Só nos restou encarar, de alguma sorte, os graves problemas que se nos circundam há séculos. E isso é muito dolorido. Por isso, para Freud (1976), essa sensação de desamparo que o sujeito experimenta é chamado de trauma. E que trauma!

O fenômeno da angústia vem do medo de deixar de ser o país do futebol? De deixar de ser uma terra de cordiais e gentis? De não ser uma nação hospitaleira e tolerante? Medo de já não ser o povo mais criativo da terra? Angústia como antecipação pelo horror à perda da máscara ou, segundo Freud: como “produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico”. (1976, p. 162)

Por outro lado, em Lacan angústia não é a perda ou falta anunciada, mas a presença da falta ou, segundo Moura:

A angústia é esse corte que abre e deixa aparecer o inesperado — antes mesmo do nascimento de um sentimento. Deixa aparecer o *heimlich*, esse conhecido feito desconhecido. Não é o irreal atormentando o real, pelo contrário, o inquietante é que, no irreal, é o real que os atormenta. O real se faz aparecer, burlando a teia de significantes que o recobre (MOURA, 2009).

Angústia seria então a antecipação da perda da ilusão frente a própria realidade existente, ou ainda:

[...] muitas coisas podem produzir-se no sentido da anomalia, e que não é isso que nos angustia. Mas se, de repente, faltar toda e qualquer norma, isto é, tanto o que constitui a anomalia quanto o que constitui a falta, se esta, de repente não faltar, é aí que começará a angústia (LACAN, 1962-63, p. 52).

Nesse caso, a norma é o fator alienador, criador da ficção ilusória sobre a qual construímos nossa noção de realidade. Com a iminência do desmoronamento dessa lógica inventada, com a saída do útero, da zona de conforto, da fantasia, aparece a angústia como desconforto de readequação à realidade objetiva. Conforme Fonseca:

A angústia funcionaria, então, não só como uma reação à perda, mas também como um sinal quando uma situação de perigo, ou seja, a possibilidade de perda ameaçasse a se instaurar; expectativa de um trauma ou a repetição do mesmo em forma atenuada. (FONSECA, 2009)

No inconsciente coletivo brasileiro trata-se apenas do medo de cair na realidade de que o *mito brasilis* é falso: não somos mais o país do futebol, os alemães provaram isso; não somos uma nação cordial nem hospitaleira, que os haitianos, bolivianos e sírios sejam consultados; este país não tolera a diversidade, observem-se os altos índices de violência de gênero e de etnia; finalmente, não somos o país do futuro, ao contrário, uma expressiva parcela da elite tupiniquim, extremamente ressentida pelo 7/9/1822 e pelo 13/5/1888, nos faz o país do passado. Essa angústia talvez seja medo de sair do armário e assumir o que todos já sabem, esse mito é uma farsa, um engodo.

No âmbito de algumas classes sociais, potencializada pela crise econômica, a angústia está relacionada com a possibilidade da perda de privilégios seculares, bem como, de bens de capital e poder de consumo. Pois, apesar de todas as complexas fórmulas e cenários econômicos, vale a velha máxima: "farinha pouca, meu pirão primeiro", isto é, em tempos de escacês quem tem, não quer perder. Nesse caso, pouco importa, ou até seja preferível, que 40 milhões de pessoas voltem para baixo da linha de pobreza do que se discuta a

revogação de certas vantagens financeiras que ocorrem em nossa sociedade.

Para Freud, a primeira grande perda é a do útero, do interior materno. Perda esta que só se repetirá posteriormente com a perda da fonte do alimento, o seio. É natural, portanto, que o inconsciente do indivíduo associe suas perdas a noção ancestral que lhe constitui a formação e reaja com a experiência da angústia como forma de previsão dessa perda futura. Logo, imaginemos nós o tamanho do sofrimento gerado com a possibilidade da perda desta enorme, gorda e poderosa teta chamada Governo, para aqueles que assim o veem. Realmente o Ministério da Saúde deveria despejar benzodiazepinas⁴ na rede de distribuição de água de Higienópolis, Morumbi, Zona sul carioca, Beira-mar norte e Jurerê internacional, etc.

Já que o futebol não rende mais motivos para domesticar o povo em todos os seus níveis, ocupar nossa mente e foco, por sorte, menos de três meses depois tivemos eleições majoritárias para Presidente da República e as manifestações mais recentes onde pudemos canalizar nossa angústia reprimida pela copa do mundo e tornarmo-nos um povo politizado! O ímpeto esportivo continua presente e encaramos novamente os grandes desafios do país, que agora se resumiria a: morte aos petralhas, aos comunistas, aos corruptos (que não forem do meu partido); e até iniciativas mais progressistas e contemporâneas como o rompimento com a União Soviética e uma guinada ao fascismo.

Surge um novo projeto, o de arrumar a casa, de limpar o Brasil com a Operação Lava Jato, Zelotes, etc. No caso, seria limpar a política brasileira, mas como fazê-lo conside-

⁴ Fármacos ansiolíticos utilizados como sedativos, hipnóticos, relaxantes musculares, para amnésia anterógrada e atividade anticonvulsivante.

rando que há CPIs⁵ para políticos, mas não para os seus eleitores?

Estratégias de manipulação das massas: espetacularização e transteatralização

Mitavaí, bom lavrador e vaqueiro
Deixa o sertão brasileiro
Vai combater
Macobeba maldito, que devora o mato e o mito
Rádio, jornal e TV
Lança e com certo bote
Fere o monstro no cangote, pra valer
E ferido assim de morte
Bicho ruim não quer morrer
E o caboclo injuriado
Toma o caminho do mar
Jurando que um dia vai voltar
Tira daqui, leva pra lá
O que hoje dá pra rir
Amanhã dá pra chorar⁶

Segundo o professor Dubatti, as últimas décadas têm exteriorizado uma ocorrência singular relacionada ao transbordamento de características existentes no teatro para a vida cotidiana e para o comportamento humano. A esse fenômeno, o pesquisador argentino chamou de transteatralização:

En las últimas décadas se há observado un fenómeno de extensión de la teatralidad por fuera del teatro, acentuado por el auge de la mediatización. Para desempeñarse socialmente hay que saber “actuar”: dominar la producción de ópticas políticas o políticas

⁵ Comissão Parlamentar de Inquérito.

⁶ *Macobeba, o que dá pra rir, dá pra chorar*, de Celso Trindade, Azeitona, Ronaldo Santos Pereira, Ivar Silva, Edmundo Araújo Santos, Orlani Silva Pizzotti, Sebastião de Souza (1981).

de la mirada (Geirola, 2000). Especialmente delante de las cámaras. Se habla de *transteatralización*, *teatralidad social*, *sociedad del espetáculo* (Braudrillard, Debord). [...] Se trata, en realidad, de expresiones de *trans-espectacularización*: todo se há espectacularizado. (DUBATTI, 2007, p. 14-5)⁷

Esse fenômeno faz com que um repórter ou jornalista, um político, um promotor de justiça, um comentarista esportivo, por exemplo, sejam tão ou melhores atores que aqueles que vivem sua vida no palco. Entendendo-se, a partir do mesmo autor, um ator como sendo um produto de ficção através do seu corpo e do seu discurso, e ficção enquanto o rasgo tempo-espaço que nos alça a outra dimensão de experiência de um real efêmero e não necessariamente objetivo.

Dessa forma, um famoso deputado com notórias contas bancárias na suíça, comprovado pelo Ministério Público daquele país e não declaradas à Receita Federal do Brasil, afirma em público, ao vivo, em cadeia nacional, em horário nobre, no palanque da Câmara dos Deputados Federais ou na mesa da Comissão Parlamentar de Inquérito formada para investigar especificamente este caso: “Não tenho contas na Suíça!”. O faz com um semblante de tamanha e verossímil indignação capaz de fazer-nos crer que se trate dos melhores atores contemporâneos ou mesmo alguém padecente de profunda psicopatologia.

Não bastasse isso, os meios televisivos esvaziam as denúncias que recaem sobre o famigerado indivíduo, para

⁷ Tradução nossa: “Nas últimas décadas se tem observado um fenômeno de extensão da teatralidade para fora do teatro, acentuado pelo auge da midiaticização. Para realizar algo socialmente tem que saber “atuar”: dominar a produção de olhares políticos ou políticas do olhar (Geirola, 2000). Especialmente diante das câmeras. Se fala de transteatralização, teatralidade social, sociedade do espetáculo (Braudrillard, Debord). [...] Se trata, na realidade de expressões de trans-espectacularização: tudo foi espetacularizado.”

diluir o absurdo do seu enunciado. A partir desse fenômeno tudo precisa ser dramatizado para acomodar tais atores e para seduzir a opinião da população. Nisso, a mídia nacional tem lembrado as sereias que, entoando seus cânticos mágicos, hipnotizaram incontáveis marinheiros desavisados pelos mares do mundo, levando-os à pique para, então, devorá-los. Mas, dada a tradição nacional, talvez o termo mais adequado para essa canção das sereias seria “novelização” no lugar de “dramatização”.

Para Martín-Barbero (2009), a consciência social da América Latina se faz mediada pela televisão. Dessa forma, a novelização e conseqüente adulteração da realidade (fatos, notícias, investigações, acontecimentos diários) com o objetivo de manipular a audiência é uma prática comum e necessária para manutenção hegemônica do poder ou dos que querem atingi-lo.

Quando certo telejornal, por exemplo, realiza uma edição especial para inaugurar seu “cenário” é natural que aquilo que ocupe tal espaço, esse palco, esteja inserido numa lógica ficcional mais ou menos associada com fatos da realidade objetiva. O problema surge de diversas formas: quando a mídia se auto atribui uma transparência com a verdade sem admitir outras verdades; pretende-se altar das crenças comuns; quando a ficção distancia-se dessa dita realidade para criar narrativas dirigidas a certos interesses obscuros; quando a criação de personagens antagonistas e protagonistas simplificam os enredos, as contradições e a complexidade que os envolve é suavizada.

Diferentes fatos, tão importantes em suas distintas situações recebem diferentes narrativas para diluir ou supervalorizar questões. Para levarem ao esquecimento temas importantes, ou saturá-los na opinião pública, tencionam-se os acontecimentos, levando seus personagens ao estresse profundo. Tudo acontece conforme o interesse daquele que

melhor pagar pela elaboração das novelizações que mais se adequem aos interesses do cliente leia-se cliente da mídia, isto é, daquele que pague pelo espaço, propaganda, anúncio.

O fenômeno da pós-modernidade, visto por Jameson (1997), preconiza não apenas a fragmentação ideológica e comunitária por parte do sistema capitalista tardio, mas faz com que as narrativas históricas também variem conforme a lei da mais valia. Se no passado a história oficial era feita pelos vencedores, atualmente é contada por quem melhor pagar pelos meios que irão cotá-la e, assim, convencer mais facilmente.

Um exemplo disso foi a pífia cobertura dada ao caso da tragédia do rompimento da barragem de dejetos minerais em Mariana. A empresa Samarco é controlada pela Companhia Vale do Rio Doce. A Vale tem como um dos seus acionistas a companhia de investimentos Bradespar, vinculada ao segundo maior banco privado do país. O Bradesco é o maior patrocinador daquele que se auto intitula Jornal Nacional, que por sua vez tratou o caso com a superficialidade incompatível com a magnitude do maior desastre ambiental da história.

Outro exemplo ocorreu por ocasião da Operação Lava Jato quando gravações telefônicas entre a Presidenta da República e seu predecessor foram interceptadas e veiculadas no mesmo telejornal, sendo as falas dubladas com entonação e interpretação pelo âncora. Contudo, o mesmo jornalístico tem como patrocinador aquela instituição financeira cuja maior parte dos lucros advenha das taxas de juros estabelecidas na economia. No entanto, em 2012 tais taxas atingiram seus menores índices em décadas, por interferência do governo federal na economia através dos bancos públicos. Isso reduziu os lucros.

Além disso, há muitos outros interesses, como na espoliação do pré-sal, cuja extensão conhecida está avaliada

em algo ao redor de dez trilhões de dólares (Ipea.com, 2010), no desmantelamento de direitos trabalhistas, programas sociais, realinhamentos internacionais, etc. Por isso, cito o caso do banco mencionado apenas como um dos exemplos existentes em nível nacional e não o único. Em âmbito regional pode-se verificar o tratamento que a imprensa local deu à tentativa de construção de um imponente hotel na área da Ponta do Coral, na Beira-mar norte de Florianópolis. Amplamente beneficiada por propagandas da construtora interessada, a mídia minimizou os argumentos contrários ao empreendimento e o impacto ambiental.

Algo similar aconteceu com a concessionária das rodovias federais da região que foi exposta num telejornal local do horário do almoço, sobre um possível descumprimento das cláusulas contratuais concernentes aos investimentos de manutenção necessários. Entretanto, tão logo a concessionária passou a fazer inserções comerciais durante o mesmo jornal, a novela informativa cessou.

Não se trata aqui de questionar a pura veiculação de notícias, tampouco de se criticar a qualidade das mesmas. Mas abordar uma real tentativa de produzir novelizações midiáticas cujo propósito apaixone as massas, induza e manipule-as. Com isso se constrói novas narrativas históricas de maior ou menor abrangência ou sobreposição daquelas existentes, conforme a intensidade e coesão em torno de certas demandas.

Segundo Benjamin (2012), já que o fascismo estetizou a política é preciso politizar a arte. A política e o jornalismo informativo têm empregado meios estéticos, e até fetichistas, para transmitir a todo o custo por meio sensível suas informações. A produção de consenso e mobilização da sociedade em torno dos interesses hegemônicos tem sido feita realizada através do bombardeio aos sentidos. Enfim, o bus-

ca-se atingir a lógica discursiva através do sensorial, da *aes-thesis*.

Algumas características podem ser identificadas nessas dramatizações, ou novelizações. Uma delas é o necessário emprego da edição e montagem, como técnicas cinematográficas. Para Bürger (2012), a montagem é uma composição a partir de fragmentos da realidade, que diferencia a ficção da realidade, no sentido de que retira um objeto do seu sentido originário e reconecta-o com um contexto geral outro. O paradoxo da montagem tanto cria quanto rompe com a ilusão ao expor em si os mecanismos de uma manipulação para produzir ilusão. A montagem expõe que não sendo vida real objetiva, ela mesma é ilusória enquanto tentativa de representação do real a partir da perspectiva de alguém.

Além disso, há o emprego do melodrama enquanto estilo (e não gênero) é utilizado para provocar empatia do público, aproximando a abordagem dos fatos reais com o realizado nas novelas. O cerne dessa ficcionalização é a produção da angústia como impulso para movimentar as massas. Uma estetização das narrativas informativas para produzir um afeto estético, sensibilizar, e atingir mais o efeito de manipulação coletiva. O real sofre constante artificialização, os indícios são apresentados como parte importante da trama, sem a necessidade da comprovação final. Não há retratação midiática por eventuais danos e falsas conclusões induzidas, aliás, as insinuações são o objetivo permanente.

Também há a saturação através do transbordamento, quando, para dar um caráter emergencial, superimportante ou pressionar a opinião pública, assuntos em voga são veiculados transversalmente em programas televisivos, revistas, jornais, canais que não sejam especialistas, exemplo: um programa de culinária discutindo o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

A espetacularização deu o tom da cobertura da crise política brasileira neste 2016, sobretudo pelas emissoras de televisão, destacadamente a Rede Globo e suas associadas. As notícias e manifestações contrária ao governo deposto ganharam transmissões ao vivo e destaque constante diferente de outras matérias. A inserção da crise política na pauta televisiva foi realizada sistematicamente em capítulos, com farto uso de montagens enquanto recurso utilizado para construção de fatos inquestionáveis ou adulteração de acontecimentos.

Nas mídias visuais e impressas, as fotos (mais ou menos editadas) expõem óticas com objetivo de construir imagens marcadamente contrárias ou a favor, a depender do personagem retratado. Basta lembrar a fotos de capa da revista IstoÉ que mostrava a Presidenta da República como uma mulher descontrolada e rude, ou outros meios que pintavam imagens das mais tendenciosas. Produzem-se investigações para espetacularizar os vazamentos de investigações, denúncias e delações de maneira premeditada antes de julgamentos e votações importantes. A suspeita ganha força de fato comprovado para forçar o apontamento de um culpado final. E os acontecimentos são formatados em capítulos e cenas para resultar no desfecho final.

Num certo sentido, espetáculo vem do latim *espectulum*, ou espelho. Igualmente, espetacularização visa fazer crer que a dramatização produzida reflete a própria realidade, mimetiza e reproduz os fatos concretos, portanto, não há dúvidas de que o espetáculo seja verossímil. Noutro aspecto espetacularizar visa acentuar o drama, ou seja, espetacularização tem sentido relacionado à intensidade ou ênfase dada a um acontecimento, por isso, busca-se intensificar os sentidos propostos e ampliar o afeto, o impacto, o clamor das massas.

A artificialização do real altera a própria percepção e compreensão da realidade. Nessa fricção a massa, já desprovida do crivo individualizado, mas subjugada ao controle comum, aceita as situações mais absurdas, como por exemplo, que o remédio constitucional chamado *impeachment* seja utilizado para sanar um governo que, quando muito é ruim, ao invés de que seja utilizado para punir um governante que tenha cometido comprovado crime de responsabilidade. Ademais, parece normal que um investigado por corrupção presida tal processo, o presidente interino esteja inelegível e aponte como ministros indivíduos também sob judicío, e os juizes políticos do evento estejam sofrendo processos. Dessa maneira, fatos absurdos tornam-se plausíveis.

Não obstante essa artificialização, não foi possível ignorar o circo da vexaminosa votação do *impeachment* na Câmara Federal, por um grupo de deputados que faria corar os maiores vilões da história. Esse evento, em particular, demonstra o emprego de outra característica das dramatizações, comum ao teatro e aos esportes: o jogo. Costumeiramente o brasileiro acompanha um jogo, comumente de futebol, tão apaixonadamente quanto tem discutido questões políticas, pois quando o time adversário faz a falta, pede-se ao juiz a expulsão, mas quando a infração é cometida pelo próprio time, então ninguém viu. Esse mesmo olhar tendencioso atravessa o sistema judiciário, a imprensa, setores da sociedade em toda essa crise. Em suma, melodrama e jogo criam e potencializam o conflito, atraindo a atenção popular, ou a audiência se estivemos falando de televisão.

Por consequência, a referida votação ocorreu em clima de jogo de futebol, num domingo à tarde. Foi uma votação que fez o time da Alemanha sentir-se um amador, pois o Brasil tomou uma goleada moral de si próprio. Assim como para aquele fatídico jogo no Mineirão, a transmissão também foi ao vivo, sem cortes nem edições — ainda que os narradores interferissem — não foi possível esconder a tragédia que

somos enquanto eleitores. Em razão disso, restavam duas alternativas: ou se muda nossa relação e grau de participação política, ou se esquece do vexame daquela votação com outra avalanche de novos episódios da mesma novela da degola de Rousseff. Parece que essa está sendo a escolha, sobretudo depois que nossa seleção de futebol deu-nos o ouro olímpico, resolvendo a crise política e econômica num pestanejar de 2 tempos.

Esse placar só fez aumentar com as manifestações convocadas e amplamente noticiadas pela mídia. Nelson Rodrigues não poderia ser mais certo na sua profecia de que os idiotas dominariam o país e o mundo, espalhando sua excrecência e as opiniões mais estapafúrdias e grosseiras. Os cartazes carregados em diversas manifestações recentes assim testemunham, exemplo: “direito a não ter direitos, pelo fim da democracia.”, “Intervenção militar já!”, “balança que essa vagabunda cai”, “menos Paulo Freire! Abaixo aos comunistas!” e por aí vai.

Manifestações estas compostas, em parte, por uma legião de hipócritas que lutam contra corrupção, mas sonham impostos, exploram empregados domésticos ou buscam privilégios. Contudo, há também pessoas muito bem-intencionadas e realmente vencidas pelo bombardeio dramaturgicamente orquestrado para convencê-los da veracidade do que a mídia veicular. Foram estimulados e conduzidos a lutar pelos interesses escusos que fomentam as ações midiáticas, assim como foram levados a ignorar o custo de uma copa do mundo desde que se ganhasse o hexacampeonato. Essa massa traída pela narrativa midiáticas, profundamente frustrada no seu projeto de auto alienação, vai às ruas, alimentada justamente por quem a traiu, lutar contra a corrupção sem despir-se da camisa futebolística, desenhada pela Nike e chancelada por uma das mais corruptas instituições, a Confederação Brasileira de Futebol.

Independentemente disso, todos fizeram parte de um processo que visou criar um discurso homogêneo de descontentamento, inclusive igualando as manifestações de 2013 com as de 2016, uma vez que eu discordo por achar que quem bate panela como agora não vai às ruas lutar contra o aumento das passagens de ônibus (estopim dos protestos daquele ano) como antes.

É possível pensar a sociedade inundada pelas dramatizações midiáticas a partir de Foucault (1987), onde a sociedade do controle não é somente vigiada nos seus atos, mas doutrina e alimentada por narrativas que visam unificar, controlar e direcionar suas crenças e intensões. Assim o indivíduo não precisa mais ser vigiado pela força do Estado, pois está sendo vigiado pelo seu par social e por si mesmo, pela crença que a mídia o incutiu. E mídia não é apenas os veículos de televisão, as redes sociais e gerenciadores de e-mail, por exemplo, coletam informações íntimas para potencializar estratégias de consumo, medir a eficácia das narrativas construídas e para programas secretos dos governos e organizações.

Discutir a democratização das mídias é um problema tão urgente quanto à reforma política ou seguir com as investigações anticorrupção. Mesmo que o brasileiro continue tendo ojeriza de assumir a necessidade de popularizar certos oligopólios, como o da imprensa, por exemplo. Tudo soa comunista, mas faz parte da nossa dificuldade em admitir a luta de classes para resolver as tensões sociais presentes. Talvez, por isso, repudiem-se as teorias marxistas. No entanto, ninguém faz revolução por outrem, somente o oprimido pode rebelar-se em demanda pelos direitos que julgar em prejuízo. Que testemunhe sobre isso o governo norte-americano que jamais conseguiu “impor” sua democracia a nenhum de seus invadidos.

O fato é, “eles” estão ganhando, e ganharão. Na verdade, nunca na história, nós, os artistas, os militantes de esquerda, os defensores das minorias ou dos direitos humanos, vencemos. Mas isso não impede que continuemos resistindo e expondo os mecanismos espúrios e mesquinhos de manipulação social, pelos veículos de mídia, sejam para torná-los — eles, os poderosos — mais ridículos ou descarados. O poder do capital coopta técnicas milenares do teatro ou de outros gêneros artísticos para mover massas ampliando seus lucros e minimizando perdas. Enquanto isso ocorrer, o capitalismo se manterá em evidência e pujante.

O que pode o teatro frente a tudo isso? Os teatrólogos Edécio Mostaço e Fábio Salvati, refletiram sobre essa questão num dos encontros organizados pelo Erro grupo para discutirem a crise política, no entro de Florianópolis, ao longo de 2016. Ambos concordaram na dimensão reduzida de abrangência do público teatral se comparado à televisão, sem reduzirem a importância do efeito da ágora, da presença física, a possibilidade de discussão e debate que esse tipo de reunião proporciona, e suas reverberações sequentes. Enquanto a TV precisa soterrar suas informações com uma tonelada de outras novas, superficializando a temática, o Teatro permite a verticalizá-la.

Por fim, não fiz aqui um artigo em defesa de um governo, o foco foram as estratégias de manipulação através das dramatizações midiáticas. Que não fique este fim de boca. Por sinal, o governo, nas suas contradições, não atuou como deveria na ampliação de direitos civis e da comunidade LGBT; nas requisições de gênero; na demarcação de terras, direitos e proteção dos povos originários; na manutenção de alianças políticas honestas e sérias; ou na reforma agrária. Ao contrário, é um governo ineficaz em produzir reformas de base, em apoiar a cultura, em promover mudanças concretas na educação de base (sem esquecer que tal nível educacional é de competência constitucional dos estados e municípios).

Aliás, a ineficácia de um governo democraticamente eleito em promover os aperfeiçoamentos de que o país carece não chega nem perto da eficácia de um governo ilegítimo em desmontar o pouco e fragil que se havia conquistado até então.

Referências

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Trad. Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre/RS: Editora Zouk, 2012.

BÜRGER, Peter. *Teoria da Vanguarda*. Trad. José Pedro Antunes. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CAVACO, Ary do; CAVALCANTE, Carlito; Vanderlei; MELODIA, Nilson; Paulinho. *G.R.E.S. Portela: Morfeu no carnaval, a utopia brasileira*. Intérprete: Silvinho do Pandeiro. In: *Sambas de Enredo Especial 1986*. Lado A, faixa 3.

DUBATTI, Jorge. *Filosofia del Teatro I: Convívio, experiencia, subjetividad*. Buenos Aires: Atuel, 2007. Original espanhol.

FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10, a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962-63.

LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MACHADO, Aluisio; CAVACO, Luiz Carlos do; NÓBREGA, Jorge. *G.R.E.S. Império Serrano: Eu quero*. Intérprete: Silvinho do Pandeiro. In: *Sambas de Enredo Especial 1986*. Lado A, faixa 4.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

RODRIGUES, Francisco de Assis. *Cartilha da Memória*. São Paulo: Biblioteca24horas, 2010.

TRINDADE, Celso; Azeitona; PEREIRA, Ronaldo Santos; SILVA, Ivar; SANTOS, Edmundo Araújo; PIZZOTTI, Orlani Silva; SOUZA, Sebastião de. *G.R.E.S. Unidos da Tijuca: Macobeba, o que dá pra rir, dá pra chorar*. Intérprete: Sobrinho. In: *Sambas de Enredo Especial 1981*. Lado B, faixa 4.

Sítios de internet

Agência Brasil, 2015. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>. Acesso em: 25 ago. 2016.

Época online, 2015. Disponível em: <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/06/juizes-estaduais-e-promotores-eles-ganham-23-vezes-mais-do-que-voce.html>. Acesso em: 25 ago. 2016.

FONSECA, Maria Carolina Bellico. *O objeto da angústia em Freud e Lacan*. Belo Horizonte: Reverso v. 31, n. 57, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?> Acesso em: 25 ago. 2016.

Ipea.com, 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?>. Acesso em: 26 ago. 2016.

MOURA, Joviane. *A teoria da angústia na psicanálise*, 2009. Disponível em: <https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/a-teoria-da-angustia-na-psicanalise>. Acesso em: 25 ago. 2016.

Veja online, 2014. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/impavido-colosso/a-remuneracao-dos-594-parlamentares-equivale-ao-salario-medio-de-13-604-trabalhadores-brasileiros/>. Acesso em: 25 ago. 2016.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa de violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 25 ago. 2016.

[Recebido: 30 de ago de 2016 — aceito: 10 de nov de 2016]